

Abandono expõe ticunas a doença e morte

Mais de 33 mil ticunas no alto rio Solimões enfrentam atualmente um surto de diarreia resistente a antibióticos, dentre outras doenças

Fotos: Márcio Silva

Fred Novaes
Enviado especial

TABATINGA, AM - A pouco mais de um ano para a passagem dos 500 anos do Brasil, comunidades ticunas no alto rio Solimões reclamam abandono e se mostram sem alternativas para superar o assistencialismo, expostas ao vício, exploração, violência, doenças endêmicas e morte.

Um surto de diarreia bacteriana matou no mês de setembro 12 ticunas, sendo nove crianças, a maioria menor de um ano, em quatro comunidades afetadas pelo surto da doença no alto Solimões. Os médicos do hospital de guarnição de Tabatinga descartam o surto, considerando os casos decorrentes

da situação endêmica da doença na região.

A utilização da água do rio Solimões, ingerida sem tratamento pelos índios e saneamento básico deficiente nas vilas são as principais causas para as diarreias, marcadas por sangue nas fezes, intensa dor intestinal e febre. A falta ou insuficiência da medicação oferecida também é apontada pelos agentes de saúde indígenas como agravante para a situação.

A Superintendência Estadual de Saúde (Susam) enviou amostras de cepas da bactéria para análise no laboratório Fiocruz para verificar sua capacidade patogênica e distribuiu, em caráter emergencial, antibióticos de terceira linha. A bactéria é resistente aos antibióticos de primeira geração como sulfas, ampicilinas e tetraciclina. A diarreia possivelmente é causada

por uma enterobactéria, denominada *Escherichia coli*.

Sem remédio - Apesar do envio dos medicamentos para a doença, o agente de saúde indígena de Belém de Solimões (a duas horas de voadeira de Tabatinga durante a vazante) Luís Nazário, ressentido da falta de cerca 80% da farmácia básica, além de materiais clínico-cirúrgicos, como seringas, agulhas e gases. A comunidade de Belém do Solimões é uma das 115 que abrigam mais de 33 mil ticunas no alto Solimões.

"Estamos sem remédio para febre e os outros, para enjôo, dor no estômago e vômitos estão acabando. O único que temos é o AAS para crianças", disse o agente de saúde, no último dia 22, no

Apesar de descartado pelos agentes de saúde, surto de diarreia já matou 12 ticunas

momento em que atendia duas crianças ticunas com a doença, no posto da Fundação Nacional de Saúde (FNS) da comunidade. "Ela (a criança) de dois anos está há sete dias com febre, mas não podemos dar a medi-

cação enquanto não tratarmos a malária", explicou, em meio aos contínuos choros da criança.

Enquanto as doenças endêmicas atingem os ticunas, principalmente crianças, candidatos à prefeitura de Tabatinga preparam-se para escavar votos no eleitorado indígena, que representa quase 50% do total de eleitores do município. Dos 12 mil eleitores de Tabatinga, mais de cinco mil são da etnia ticuna. Tabatinga vai escolher no próximo dia 22 de novembro, entre cinco candidatos, o prefeito para um mandato-tampão de dois anos, devido à cassação do prefeito anterior, Lino Marinho (PSDC).



Tomar banho no rio Solimões é a saída, mas a água pode estar causando diarreia

Trezentos casos em dois meses

Pelo menos 300 pessoas adoeceram da diarreia entre os meses de agosto e setembro na comunidade Belém do Solimões, apesar de nem o posto da FNS ou o da Funai conter os registros dos casos na comunidade. O número é estimado pelos moradores e agentes de saúde com base nos atendimentos realizados neste período. O levantamento da Susam, há três semanas, apontava o registro de 98 casos de diarreia bacteriana nas localidades de Belém do Solimões e Vendaval.

Além da diarreia, a localidade registrou vários casos de malária, não registradas em Tabatinga e dois casos de tuberculose, além de algumas hepatites e pneumonia. O chefe do posto da Funai, que é auxiliar de saneamento, foi o responsável pela maioria dos atendimentos nos primeiros casos de diarreia porque os dois agentes de saúde da comunidade estavam em treinamento no município de Benjamin Constant.



Gabriel: cachaça no ritual

Pajés agora curam com fumo e cachaça

A miscigenação cultural transformou os antigos pajés ticunas em curandeiros que fumam cigarro de marca e bebem cachaça, em rituais domésticos para a cura de males como quebranto, rasgadura, erisipela, mau-olhado, feitiços e outras variações psicossomáticas da comunidade. Trinta curandeiros habitam a comunidade de Belém de Solimões. Conforme os moradores, nem todos são confiáveis. Antônio Gabriel Ramos, 40, aprendeu as técnicas de sua atividade com outro índio curandeiro da comunidade de Vendaval. Ele desconsidera a possibilidade de tratar a "diarreia com sangue" através de seus métodos e explica como funciona o tratamento.

A CRÍTICA - Para quê serve o cigarro e a cachaça utilizada no ritual?

Antônio Gabriel Ramos - A cachaça é para o fortalecimento do corpo do curandeiro. A gente toma para ficar mais forte e vencer o mal. O cigarro serve para pegar o mal da coisa ruim que atinge a pessoa. As vezes a gente usa tambor e rezas para ajudar no trabalho.

AC - Que tipo de doenças podem ser tratadas pelo curandeiro?

AGR - Algumas febres, vômitos e até diarreias que não são curadas pelos remédios dos civilizados. A gente percebe que pode ser serviço feito e faz rezas para acalmar ou cortar o problema.

AC - O senhor faz alguma outra atividade para sobreviver?

AGR - Não. Vivo há quatro anos das rezas. A gente trabalha como aqueles centros (de umbanda) na cidade.

AC - Estas doenças, como a diarreia com sangue, têm alguma explicação para ocorrer, no seu entendimento?

AGR - O problema é a água mesmo. Bebendo a água do rio o pessoal fica doente. Não tem reza que dê jeito.

Seca dificulta o atendimento médico

Mais de 33 mil ticunas, em 115 comunidades indígenas, habitam a região do alto Solimões, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Tonantins e Santo Antônio do Itá, ocupando uma área demarcada de quase cinco milhões de hectares. Cerca de 10 mil ticunas vivem na Amazônia colombiana e outros seis mil ocupam as terras peruanas.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) atende às comunidades em nove Postos Indígenas (PI), nas comunidades de Umariçu, Vendaval, Campo Alegre, Betânia, Feijóal, Macuapapores, Nova Itália, Uatiparaná e Belém do Solimões.

Segundo o chefe do posto em Belém do Solimões, Arnaldo Tenajor, pelo menos 13 comunidades ticunas estão sem acesso devido à seca dos rios, que impossibilita o atendimento e o deslocamento dos moradores destas localidades. Na comunidade de Jutá, uma mulher morreu de malária porque não conseguiu ser transportada no dia 20.

O chefe do posto não sabe se há falta de medicamento para a malária na comunidade. O acesso a estas comunidades só será possível de barco entre os meses de novembro e dezembro.

Os ticunas foram contactados há mais de 300 anos. Eles ainda mantêm sua cultura e língua nativa, que não é ligada a nenhum tronco linguístico conhecido. A "festa da menina-moça" também é realizada, embora tenha perdido muito de sua ancestralidade. A língua ticuna é ensinada em praticamente todas as comunidades, segundo a Funai, graças a convênio com prefeituras e organizações civis, com apoio do órgão.

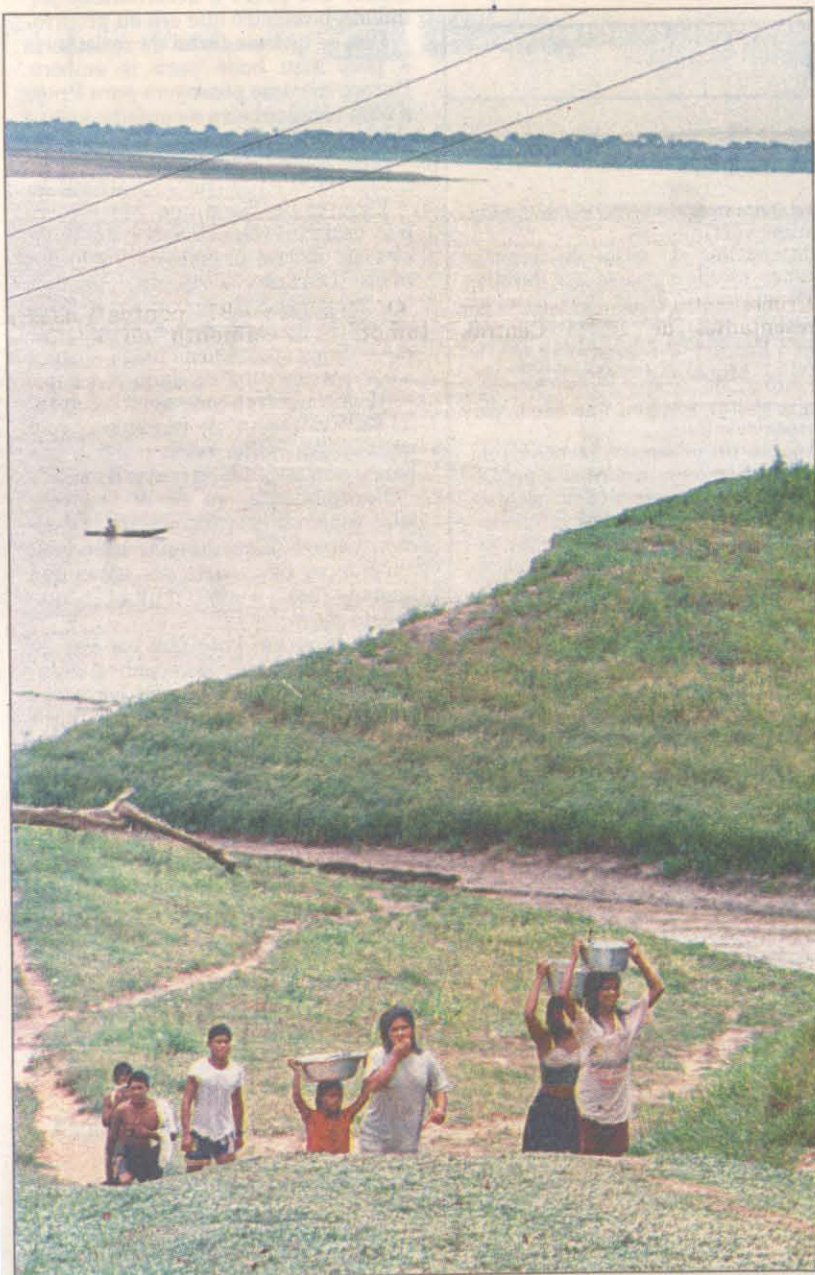
A "festa da menina-moça", quando é realizada, marca a primeira menstruação da menina ticuna. "Ela fica trancada em casa até o dia da festa, quando é apresentada aos futuros pretendentes", disse o administrador de Belém do Solimões, Adélmo Fidelis. Ele acrescenta que muitos pais estão deixando de fazer a festa, que está perdendo cada vez mais o sentido comunitário. A festa

é embalada por batida de tambores, dança típica, muito paivarú, congueido da macaxeira ralada e fermentada e tambaqui moqueado (assado em grelha de varas).

O cultivo de roças familiares para a produção de excedentes é uma variação da forma de utilização da terra ocupada há muito tempo. Os ticunas plantam milho, banana, feijão, mandioca, abacaxi e abastecem o mercado consumidor dos municípios do alto Solimões.

A pesca é a segunda principal atividade dos moradores, que precisam competir com pescadores contratados por comerciantes de Letícia, que capturam grandes quantidades de peixes lisos, comuns na região, para serem revendidos na cidade, que possui um frigorífico e linha direta para a revenda em Bogotá.

Além da Igreja Católica, presente há muitos anos nas comunidades ticunas, diversas igrejas e seitas evangélicas proliferam entre os índios do alto Solimões, como a 'Cruzada', de evangélicos.



Na falta de água tratada, famílias utilizam a água do rio